

Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar

Moita Lopes

“As coisas podem estar ocorrendo da mesma maneira, tanto para os pesquisados quanto para [...] os pesquisadores: eles não têm alternativa. Entretanto, em seu desamparo, ajudam-se mutuamente a permanecer com as muletas conceituais do passado, ainda que percebam claramente a fragilidade dessas muletas antiquadas.”

Beck

Este capítulo tem o objetivo de historicizar alguns dos discursos que construíram e constroem o campo da Linguística Aplicada (LA), de modo que, colocando-o em perspectiva, seja possível compreender como essa área de investigação se constitui atualmente. Já parto, portanto, do pressuposto básico de que, em LA, da mesma forma que em outras áreas do conhecimento, estamos diante de uma série de discursos que socialmente fizeram essa área operar, de uma forma ou de outra, de acordo com o pensamento intelectual da época, ou seja, o *zeitgeist* que orientava os pesquisadores. Entendo que os discursos da ciência, como outros, são construções sociais que, em certos momentos, abalizam certas compreensões de produzir conhecimento, excluindo outras.

Uma área que começa nos anos 1940, com o interesse por desenvolver materiais para o ensino de línguas durante a Segunda Guerra Mundial, vai ter uma Associação Internacional (a AILA) constituída em 1964, quando ocorre o primeiro evento internacional de LA. Já o primeiro Congresso Internacional de Linguística foi realizado em 1928 (DE GEORGE e DE GEORGE, 1928, p. 19), o que, se por um lado demonstra a precocidade da Linguística, por outro mostra como a LA é um campo de investigação relativamente novo.

O que não quer dizer, entretanto, que temas referentes ao campo de ensino de línguas não tenham sido uma preocupação desde tempos imemoriais. O

primeiro compêndio contendo teorização sobre o ensino de línguas acredita-se ter sido escrito em 1632, por Jan Amos Comenius, o chamado “Pai da Educação Moderna”, no livro *Janua Linguarum Reserata* (1632), ou seja, *O Portão Destrancado das Línguas*. Teria sido Comenius o primeiro linguista aplicado? Desde Comenius, os discursos que construíram essa área de investigação se tornaram bastante complexos. E, como vou mostrar posteriormente, hoje a LA se constrói também bem distante do campo de ensino de línguas. Penso que Comenius ficaria surpreso se lesse o que se escreve atualmente sobre concepções contemporâneas de LA, como, por exemplo, em Moita Lopes (2006), com as quais este capítulo se encerra.

Linguística Aplicada como aplicação de Linguística

O campo da LA começa enfocando a área de ensino/aprendizagem de línguas, na qual ainda hoje tem grande repercussão. Essa área se inicia, então, como resultado dos avanços da Linguística como ciência no século XX, constituindo-se como o estudo científico do ensino de línguas estrangeiras, notadamente com Charles Fries e Robert Lado nos Estados Unidos, e seu foco de interesse também passa, já nos anos 60 do mesmo século, a abarcar questões relativas à tradução (TUCKER, s/d). Não é de estranhar, portanto, que a Linguística, um dos grandes campos das Ciências Humanas, do início do século XX, no auge do Estruturalismo, cujos princípios e técnicas de análise influenciaram outros campos de investigação como a Antropologia, a Semiótica, a Literatura etc. (DE GEORGE e DE GEORGE, 1972, pp. 18-20) fosse também interessar àqueles que se debruçavam sobre a questão do ensino de línguas e da tradução. Parecia natural que uma área que focalizava o fenômeno da linguagem, com influência tão profunda no modo como o Estruturalismo se espalhou em muitas disciplinas, tivesse algo a dizer àqueles que se interessavam pelo ensino de línguas.

Daí decorrerem duas compreensões para a concepção de LA, sendo as duas entendidas como aplicação de Linguística. Afinal, aplicar Linguística não era de certa forma muito diferente do que outros campos estavam fazendo ao usarem os princípios do estruturalismo linguístico na Antropologia e na Semiótica, por exemplo. Por um lado, aplicava-se Linguística à descrição de línguas, como é o caso dos livros de Souza e Silva e Koch, de 1983, intitula-

dos *Linguística Aplicada ao Português: sintaxe e morfologia*; e, por outro, ao ensino de línguas, notadamente estrangeiras (por exemplo: CHASTAIN, 1971). Foi assim que, de fato, a LA começou.

Na Inglaterra, pode-se dizer que essa história tem início em 1957, com a fundação do Departamento de Linguística Aplicada de Edinburgh (TUCKER, s/d), de onde saíram Pit Corder, Widdowson, Davies, provavelmente três dos maiores linguistas aplicados de então, e cuja relevância é perceptível até hoje. A série de livros (*The Edinburgh Course in Applied Linguistics*), organizados por Allen e Corder (1973, 1974 e 1975) e Allen e Davies (1977), exerceu uma grande influência e é enriquecedor examinar os sumários dos livros publicados então, para entender como operavam dentro do paradigma de aplicação de Linguística, o que, claro, Widdowson e outros modificaram mais tarde, como vou mostrar. É esclarecedor reler, especialmente, o famoso livro de Pit Corder de 1973, *Introducing Applied Linguistics*, no qual o autor indica que as decisões sobre a elaboração de programas e de materiais para o ensino de línguas que o linguista aplicado tem que fazer devem ser guiadas “pela nossa compreensão atual da natureza da linguagem” (CORDER, 1973, p. 12), claramente uma profissão de fé em relação à relevância da Linguística para o ensino de línguas de forma científica. Como, aliás, Corder deixa claro:

[Este livro] versa sobre a contribuição que as descobertas e métodos daqueles que estudam a linguagem cientificamente, ou seja, o linguista, o psicolinguista e o sociolinguista (para mencionar somente os grupos mais importantes) podem fazer para solucionar alguns dos problemas que surgem no planejamento, organização e elaboração de um programa de ensino de língua (CORDER, 1973, p. 10).

Vejamos o sumário do livro:

Parte 1 – Linguagem e ensino de línguas

1. Visões de linguagem
2. Funções da linguagem
3. A variabilidade da linguagem
4. Linguagem como sistema simbólico

Parte 2 – Linguística e ensino de línguas

5. Linguística e ensino de línguas
6. Psicolinguística e ensino de línguas
7. Linguística Aplicada e ensino de línguas
8. A descrição das línguas: uma aplicação primária da teoria linguística

Parte 3 – As técnicas da Linguística Aplicada

9. Seleção 1: A comparação de variedades
10. Seleção 2: Estudos linguísticos contrastivos
11. Seleção 3: O estudo da língua do aprendiz: análise de erros
12. Organização: A estrutura do programa
13. Apresentação: As gramáticas pedagógicas
14. Avaliação, validação e testagem

Esse sumário, assim como outros da famosa série intitulada *The Edinburgh Course in Applied Linguistics*, publicada de 1973 a 1977, já mencionada, indicam a dependência da Linguística ou de como se entendia LA como aplicação de Linguística, então, e constituíam verdadeiros compêndios de como fazer LA, nos anos 70 e no início dos anos 80. Não posso deixar de relembrar meu encantamento com tais livros naquela época. Eis uma das vantagens de envelhecer e ter memória: sabe-se como as histórias começam e têm prosseguimento, e, principalmente na universidade, como os modos de produzir conhecimento se modificam.

Como se pode ver, a primeira parte do livro de Corder dá conta de teorização linguística; a segunda focaliza a aplicação ao ensino e aponta a descrição linguística como aplicação primária de teoria linguística (o que já indiquei anteriormente) e, a terceira, as técnicas para fazer LA ao ensino de línguas: a seleção do que vai entrar no programa e no material de ensino e, a seguir, como tais itens selecionados são organizados no ensino: a estrutura do programa, a gramática pedagógica e a avaliação do processo de ensino.

Com o advento da Linguística Transformacional, o percurso aplicacionista da LA continuou. Meu próprio primeiro artigo publicado em LA é na vertente aplicacionista e se intitulava *O ensino de línguas estrangeiras: considerações baseadas no modelo gerativo-transformacional* e foi publicado em 1979. Lembro também de um trabalho de John Schmitz em que o autor mostrava a aplicação da Gramática Gerativo-Transformacional. Especificamente, tratava das vantagens para a aprendizagem de ensinar alunos de Português como língua materna a se envolverem em análises que tornassem visíveis a chamada estrutura profunda das sentenças. No entanto, as advertências de Chomsky, já muito conhecidas agora, fizeram-se ouvir. Ao participar de um evento sobre ensino de línguas estrangeiras em 1965, Chomsky (1971, p. 152) diz: “Francamente, sou muito cético sobre a significância, para o ensino de línguas, de tais *insights* e compreensões conforme demonstrados na Linguística e na Psicologia”.

O descrédito com o qual um dos linguistas mais renomados se referia à vertente aplicacionista na LA não impediu, porém, as tentativas de linguistas aplicados, convencidos que estavam de que a validade de tal aplicação cabia a eles próprios determinarem. Diga-se que essa vertente ainda persiste atualmente.

A primeira virada: da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada

É somente com o trabalho de Widdowson, também no final dos anos 1970, que aparece a distinção entre LA e aplicação de Linguística. Escrevendo como linguista aplicado, Widdowson vai colocar um questionamento severo à vertente aplicacionista.

É uma suposição comum entre professores de línguas [como resultado das percepções de linguistas, preferiria acrescentar] que sua área deva ser de algum modo definida por referência a modelos de descrição linguística criados por linguistas. [...] Essa mesma suposição domina a linguística aplicada. O próprio nome é uma proclamação de dependência. Bem, não tenho nada contra linguistas. Alguns de meus melhores amigos são linguistas etc. Mas acho que devemos ter cuidado com sua influência [...] E quero sugerir que a própria linguística aplicada como um ramo teórico da pedagogia de ensino de línguas deva procurar um modelo que sirva seu propósito (WIDDOWSON, 1979a/1977, p. 235).

Aqui se percebem duas características das propostas de Widdowson: uma restrição da LA a contextos educacionais e a necessidade de uma teoria linguística para a LA que não seja dependente de uma teoria linguística. Ou, como ainda diz Widdowson (1979a, p. 235): “a Linguística Aplicada só pode ser uma área autônoma de investigação na medida em que se livrar da hegemonia da linguística e negar as conotações de seu próprio nome”. E, na verdade, perspicazmente, Widdowson, no mesmo capítulo, ainda afirma que ideias intuitivas e de senso comum sobre a linguagem podem ser muito mais úteis para o ensino de línguas, uma vez que o aprendiz e o analista operam sob condições de relevância diferentes: “não há nenhuma razão para supor, então, que os linguistas tenham qualquer acesso privilegiado à realidade” (WIDDOWSON, 1979a, p. 236). A afirmação é extremamente ousada ainda hoje. Tenho certeza de que causa surpresa a muitos, que estão ainda absortos com as vantagens das teorias e descrições linguísticas para o ensino de línguas.

Portanto, na perspectiva de Widdowson, o modelo que deve interessar ao linguista aplicado é aquele que capta a perspectiva do usuário. Propõe em outro capítulo, porém, que a LA seja uma área que faça a mediação entre a teoria linguística e o ensino de línguas (WIDDOWSON, 1979b), ou seja, na verdade, não descarta totalmente a teoria linguística. Essa discussão vai, então, estabelecer um campo de investigação que começa a se formular como área mediadora, reconhecendo ainda que os tipos de conhecimentos que podem ser relevantes para a investigação dos processos de ensino de línguas necessitam ir além daqueles formulados pela Linguística (tanto da Linguística do sistema como da do discurso). O objeto de investigação, porém, passa a ser também construído com base na relevância que teorias de outros campos do conhecimento possam ter para sua compreensão. Tal tendência é notada nas publicações de Widdowson (1983), que utilizava então conhecimentos advindos principalmente da teoria linguística, da Psicologia Cognitiva e da Sociologia.

A compreensão subjacente é que nenhuma área do conhecimento pode dar conta da teorização necessária para compreender os processos envolvidos nas ações de ensinar/aprender línguas em sala de aula devido a sua complexidade. Aqui o pensamento de Widdowson proporciona um avanço: a um só tempo nos livramos da relação unidirecional e aplicacionista entre teoria linguística e ensino de línguas e abrimos as portas para outras áreas do conhecimento de forma a se operar de modo interdisciplinar. No Brasil, há uma série de artigos publicados nos anos 1980-90, quando se pode dizer que a LA brasileira começa a tomar força, que seguem tal caminho (CAVALCANTI, 1986; KLEIMAN, 1990; CELANI, 1990; MOITA LOPES, 1990).

A questão da interdisciplinaridade, que se tornou quase um dos truísmos em epistemologias contemporâneas, já era apontada na LA nos anos 80, embora seja necessário reconhecer que fosse sempre mais defendida como plataforma do que de fato executada. Havia e ainda há uma preponderância de teorização linguística, agora principalmente de uma linguística do discurso, o que já me levou a dizer que na LA temos “interdisciplinaridade, *pero no mucho!*” (MOITA LOPES, 2006, p. 20).

Deve-se acrescentar que muito do que se entende por LA internacionalmente nessa época e, em grande parte do mundo, até hoje se restringe ao campo de ensino e aprendizagem de Inglês. Tanto que muitos autores, como Kumaravadivelu (2006), ressaltam que a LA, diferentemente do que ocorre no Brasil e em outros países, está restrita a questões de ensino e aprendizagem de Inglês. É notável, porém, o fato de muitos dos que hoje pesquisam neste

campo no Brasil terem começado como pesquisadores no campo do Inglês, e que muitos desses ainda hoje estão lotando os Departamentos de Inglês, apesar de suas pesquisas focalizarem outros tópicos e contextos interacionais. Mas isso não é um fenômeno só da LA: a lotação departamental cada vez mais deixa de refletir os interesses de pesquisa dos professores, provavelmente como efeito de percursos interdisciplinares de investigação que passaram a ser prestigiados na universidade, em alguns círculos. Daí o fato de algumas universidades preferirem as organizações dos professores por projetos de pesquisa, e não mais por departamentos.

Ainda em relação à predominância de questões relacionadas ao processo de ensino e aprendizagem de Inglês na LA, muitos autores (PENNYCOOK, 1998; CANAGARAJAH, 2002) têm chamado a atenção para o papel colonialista desse campo que, no bojo da importância que o inglês teve no tempo da Guerra Fria e que é ainda mais evidente hoje, em tempos de globalização, transformou-se para muitos linguistas aplicados de países centrais (notadamente, estadunidenses e ingleses) em um modo de vida, ou seja, uma maneira de vender suas teorias, seus livros e métodos de ensino de Inglês: um grande negócio, sem nenhuma preocupação com as práticas e as vidas locais. Teorizações sobre práticas de ensinar e aprender Inglês e de influenciar políticas públicas locais colonizaram e continuam a colonizar o mundo como um novo evangelho, por assim dizer, principalmente devido aos interesses mercantilistas que subjazem em tal língua. Não se pode deixar de reconhecer a função colonialista da LA, como tem sido feito também em relação a seu papel na própria definição do que conta como línguas na África (MAKONI e MEINHOF, 2006).

A segunda virada: Linguística Aplicada em contextos institucionais diferentes de escolares

A outra grande virada na LA ocorre quando, abandonando a restrição de operar somente em investigação em contextos de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras (notadamente, Inglês, embora ainda preponderante) e tradução, o campo começa a pesquisar contextos de ensino e aprendizagem de língua materna, no campo dos letramentos, e de outras disciplinas do currículo, e em outros contextos institucionais (mídia, empresa, delegacia de polícia, clínica médica etc.). Foram essenciais aqui os *insights* de teorias so-

cioculturais, na linha de Vygotsky e Bakhtin, sobre a relevância de entender a linguagem como instrumento de construção do conhecimento e da vida social, recuperados em muitas áreas de investigação. Essa mudança passa a ser bem perceptível no Brasil a partir dos anos 90.

Ao compreender a linguagem como constitutiva da vida institucional, a LA passa a ser formulada como uma área centrada na resolução de problemas da prática de uso da linguagem dentro e fora da sala de aula, ou seja, “a preocupação [é] com problemas de uso da linguagem situados na práxis humana” (MOTA LOPES, 1996, p. 3), para além da sala de aula de línguas. O que se torna capital é a natureza da situada da ação e o estudo dos atores sociais nesta perspectiva agindo por meio da linguagem: uma preocupação que passou a ser crucial em outras áreas do conhecimento. Assim, falava-se então em “aprendizagem situada” (LAVE e WENGER, 1991); em “discurso situado” (DURANTI e GOODWIN, 1992) ou em “interação situada” (GUMPERZ, 1992). E o interesse passa a ser “a situacionalidade cultural, institucional e histórica da ação humana” (WERTSCH, 1991, p. 8), que é levada a termo pelo discurso/interação. Uma percepção que só pode ser incorporada à LA por conta de seu olhar interdisciplinar.

Estamos diante de uma formulação de LA bem distante daquela centrada no ensino e aprendizagem de Inglês e que, ao começar a se espriar para outros contextos, aumenta consideravelmente seus tópicos de investigação, assim como o apelo de natureza interdisciplinar para teorizá-los. Mas, no final do século XX e no início do século XXI, as mudanças tecnológicas, culturais, econômicas e históricas vivenciadas iniciam um processo de ebulição nas Ciências Sociais e nas Humanidades, que começam a chegar à LA. Para aqueles que levaram o projeto da interdisciplinaridade a sério, tentando fazer a LA caminhar pelas lógicas de outras disciplinas e teorizando os objetos de investigação de maneira complexa, não havia outro percurso. Embora em 1996, no livro *Oficina de Linguística Aplicada*, eu já houvesse indicado que a LA é um campo das Ciências Sociais, é somente agora que essa compreensão começa a ser mais desenvolvida (vejam, neste sentido, o livro intitulado *Applied Linguistics as Social Science*, de Sealey e Carter, de 2004, assim como o livro que publiquei em 2006: *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*).

Os questionamentos que as Ciências Sociais colocavam à modernidade e as indagações sobre como o sujeito social era teorizado de forma homogênea, tendo as diferenças que o constituem apagadas no interesse de prestigiar aqueles colocados em posição de hegemonia nas assimetrias sociodiscursivas, foram fundamentais ao fazer o vasto campo das Ciências Sociais e Humanas

se re teorizarem em termos de visões pós-estruturalistas, feministas, antirracistas, pós-coloniais e *queer*. As implicações da redescritção do sujeito social são centrais nessa vertente e têm desdobramentos epistemológicos cruciais, conforme vou me referir posteriormente.

Linguística Aplicada Indisciplinar

É assim que chegamos à formulação do que tenho chamado de uma LA Indisciplinar e outros de antidisciplinar ou transgressiva (PENNYCOOK, 2006) ou de uma LA da desaprendizagem (FABRÍCIO, 2006). É uma LA que deseja, sobremodo, falar ao mundo em que vivemos, no qual muitas das questões que nos interessavam mudaram de natureza ou se complexificaram ou deixaram de existir. Como Ciência Social, conforme muitos formulam a LA agora, em um mundo em que a linguagem passou a ser um elemento crucial, tendo em vista a hiperssemiotização que experimentamos, é essencial pensar outras formas de conhecimento e outras questões de pesquisa que sejam responsivas às práticas sociais em que vivemos. É sobre essa LA que desejo agora discutir.

Ela é indisciplinar tanto no sentido de que reconhece a necessidade de não se constituir como disciplina, mas como uma área mestiça e nômade, e principalmente porque deseja ousar pensar de forma diferente, para além de paradigmas consagrados, que se mostram inúteis e que precisam ser desaprendidos (FABRÍCIO, 2006) para compreender o mundo atual. Ou, como diz Stuart Hall (1996) em relação à teorização pós-colonial: um modo de pensar que tem como objetivo atravessar/violar limites ou tentar “pensar nos limites” ou “para além dos limites”. Uma LA que, talvez, seja mais bem entendida como transdisciplinar, no sentido de que deseja atravessar as fronteiras disciplinares, continuamente se transformando.

Essa LA que entendo como “um modo de criar inteligibilidade sobre problemas sociais em que a linguagem tem um papel central” (MOITA LOPES, 2006, p. 14) perde o caráter solucionista que acompanhou a LA por muitos anos (LA como uma área que tentava solucionar problemas) devido a uma forte tendência positivista do que muitos chamam hoje de LA modernista (PENNYCOOK, 1998). E abandona definitivamente sua preocupação em se limitar à Linguística como um componente teórico essencial, uma vez que muitas das compreensões mais relevantes sobre a linguagem no mundo atual, devido à chamada “virada linguística”, podem vir de outros campos do conhecimento (da Geografia, da

Sociologia, da Comunicação, por exemplo) do que propriamente da Linguística (ainda que em um sentido macro). Como diz Pennycook (2006, p. 74), “a linguística (na maioria de suas manifestações atuais, é de uso limitado) e, no pior dos casos, tira nossa atenção das questões que precisamos focalizar”. Essa é uma ideia impactante, mas que faz todo sentido em relação a esse modo contemporâneo de fazer LA. Não quer dizer que prescindamos de teorizações sobre linguagem, mas que elas podem não vir do campo de estudos linguísticos ou que tais teorizações possam ser construídas nos entrecruzamentos disciplinares. Nas teorizações sobre linguagem que tenho construído, tem sido extremamente útil, por exemplo, o pensamento do geógrafo Milton Santos (2000) e sua compreensão da relevância do discurso no mundo contemporâneo.

Devo dizer que não vejo esse caminho como a única construção possível para a LA, nem como a principal. E também não estou dizendo que todos devam seguir essa cartilha. Como diz Rampton (1997, 2006), a LA está se tornando “um espaço aberto com múltiplos centros”, no qual nos deparamos com modos diferentes e próximos de fazer LA. Não há um cânone para a LA, assim como não existe também para outros campos de estudos da linguagem, como para a Sociolinguística e para a Análise do Discurso, a despeito das guerras teóricas: uma visão que desequilibra os alicerces do poder acadêmico e suas igrejas.

A perspectiva da indisciplinaridade em LA requer um nível alto de teorização inter/transdisciplinar (o que envolve ler em vários campos do conhecimento, participar de eventos em outras áreas etc.), embora não seja absolutamente uma unanimidade. Ao contrário, muitos dos linguistas aplicados que ajudaram a fazer a LA em que me formei e que orientaram diretamente minhas dissertações e tese estão em desacordo, principalmente porque lamentam o fim de uma LA coesa que ajudaram a fundar (DAVIES, 1999).

O fato é que as áreas de conhecimento mudam e novos modos de produzir conhecimento são reinventados, e aos pesquisadores, como sempre, cabe escolher os caminhos a seguir. É fato que o percurso que estou traçando mostra claramente como a área de LA tem se repensado continuamente, o que também, devo dizer, está acontecendo em outros campos: provavelmente, um repensar característico das sociedades reflexivas em que vivemos (GIDDENS, BECK e LASH, 1997). Além disso, se muitas de nossas crenças desapareceram em vista dos desafios que vivemos, é natural que aquelas de natureza epistemológica precisem ser repensadas.

O sociólogo português Boaventura Santos (2006), por exemplo, tem defendido uma forma de produzir conhecimento que seja também uma maneira

de politizar a vida social: um paradoxo para muitos que ainda acreditam em ciência como produção de verdade. Outros, na Sociologia, na Geografia e nos Estudos Culturais (MILTON SANTOS, 2000; ZIZEK, 2004; MUSHAKOJI, 1999; SCOTT, 1999), têm chamado a atenção para a necessidade de ouvir as vozes das periferias ou daqueles que foram alijados dos benefícios da modernidade (os negros, os homossexuais, as mulheres, os povos colonizados etc.), não só como uma forma de produzir conhecimento sobre eles, mas principalmente pelo interesse em entender como suas epistemes, desejos e vivências podem apresentar alternativas para o nosso mundo.

Para finalizar, quero pontuar algumas das características de uma LA Indisciplinar:

Quem é o sujeito da LA?

É necessário reteorizar o sujeito social em sua heterogeneidade, fluidez e mutações, atrelando a esse processo os imbricamentos de poder e desigualdade inerentes. Tradicionalmente, o sujeito da LA tem sido um ser sem gênero, raça e sexualidade. Ou, no máximo, tem sido construído com um gênero, raça e sexualidade fixos do qual não consegue escapar; com a linguagem refletindo o que ele é, ao invés de ser compreendida como um lugar de construção da vida social e, portanto, dele mesmo.

Em que práticas discursivas tal sujeito é construído?

É essencial compreender que a racionalidade e os significados não são anteriores a seus usos em nossas performances nas práticas discursivas; portanto, não existem como formas universais e a-históricas. Somos os discursos em que circulamos, o que implica dizer que podemos modificá-los no aqui e no agora. A racionalidade tem corpo e história: é um reino da ideologia.

O que é a produção de conhecimento?

Ao problematizar a produção do conhecimento e o poder por trás de tal prática, a epistemologia que nos guia deve seguir uma lógica antiobjetivista e antipositivista. Não é possível basear-se em relações de causa e efeito, tendo em vista a complexidade das práticas em que vivemos. Nossa preocupação deve ser criar inteligibilidade sobre a questão que estudamos.

Como não separar política de pesquisa?

Em um mundo atravessado pelo poder de forma multidirecionada e que apresenta desafios para uma série de significados sobre quem somos, que cons-

tituíram o cerne da modernidade, é crucial pensar formas de fazer pesquisa que sejam também modos de fazer política ao tematizar o que não é tematizado e ao dar a voz a quem não tem.

Por que é crucial pensar a questão ética?

Tendo em vista a multiplicidade de discursos com que nos defrontamos atualmente, muitos deles entendidos no passado como ilegítimos, tornou-se crucial submeter todas as nossas práticas, inclusive as de pesquisa, a princípios de natureza ética, uma vez que nem todos os significados são válidos. Tais princípios nos devem fazer avaliar as vantagens que levamos em detrimentos de outros, assim como nos devem fazer recusar significados que façam sofrer, um parâmetro do qual não podemos nos afastar.

Qual é o desafio do trabalho indisciplinar?

Atravessar fronteiras no campo do conhecimento, assim como na vida, é expor-se a riscos. Mas um desafio que se deve encarar com humildade e com a alegria de quem quer entender o outro em sua perspectiva. A posição na fronteira é sempre perigosa, já que quem está além da fronteira é aquele que vai se apropriar de nosso conhecimento, vai falseá-lo ou usá-lo incorretamente. Mas ele pode ser também aquele que vai nos fazer refletir, pensar de outra forma ou ver o mundo com um outro olhar. Em sociedades que se constituem cada vez mais de forma mestiça, nômade e híbrida, não seriam as epistemologias de fronteira essenciais para compreender tal mundo? Lembro aqui Mignolo (2000), que nos exorta a pensar por meio de uma epistemologia de fronteira em um mundo de desígnios globais e histórias locais.

Uma palavra final

Se os desafios que apresentam os discursos que constroem alguns modos contemporâneos de fazer LA são muitos, eles também são auspiciosos. Colocados em perspectiva, como tentei fazer neste capítulo, eles mostram o longo caminho que percorremos como uma área que se construía inicialmente como aplicação de Linguística ao ensino de línguas estrangeiras até hoje, quando, de modo indisciplinar, informada por teorizações que têm colocado indagações para as Ciências Sociais e as Humanidades, procura criar inteligibilidade sobre práticas sociais em que a linguagem desempenha um papel central. Além disso, pensar sobre os caminhos da LA contemporânea pode nos prover outros

modos de compreender nosso futuro como pesquisadores nesse campo, ao passo que também apresenta novas formas de politizar a vida social para além das histórias que nos contaram sobre quem somos: uma indagação à qual a LA contemporânea precisa responder. Afinal, fazer pesquisa nesse campo pode ser uma forma de repensar a vida social.

Bibliografia

- ALLEN, J. P. B.; CORDER, S. Pit (Eds.). **Readings for Applied Linguistics**. Oxford: O.U.P., 1973. (The Edinburgh Course in Applied Linguistics, v. 1).
- _____. **Papers in Applied Linguistics**. Oxford: O.U.P., 1975. (The Edinburgh Course in Applied Linguistics, v. 2).
- _____. **Techniques in Applied Linguistics**. Oxford: O.U.P., 1974. (The Edinburgh Course in Applied Linguistics, v. 3).
- _____; DAVIES, A. (Eds.). **Testing and Experimental Methods**. Oxford: O.U.P., 1977. (The Edinburgh Course in Applied Linguistics, v. 4).
- BECK, U. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In: GIDDENS, A.; BECK, U.; LASH, S. **Modernização Reflexiva**. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.
- CANAGARAJAH, S. Globalization, Methods and Practice in Periphery Classrooms. In: BLOCK, D.; CAMERON, D. (Orgs.). **Globalization and Language Teaching**. Londres: Routledge, 2002.
- CAVALCANTI, M. A propósito de Linguística Aplicada. In: **Trabalhos em Linguística Aplicada**. Campinas, SP, v. 7, n. 2, pp. 5-12, 1986.
- CHASTAIN, K. **The Development of Modern Language Skills: Theory to Practice**. Chicago: Rand McNally & Company, 1971.
- CHOMSKY, N. Language Teaching. In: ALLEN, J. P. B.; BUREN, P. Van (Eds.). **Chomsky: Selected Readings**. Londres: Oxford University Press, 1971.
- CELANI, M. A. A. Afinal, o que é Linguística Aplicada? In: PASCHOAL, M. S. Z. de; CELANI, M. A. A. (Orgs.). **Linguística Aplicada: da aplicação da linguística à linguística aplicada transdisciplinar**. São Paulo: EDUC, 1990/1992.
- CORDER, S. Pit. **Introducing Applied Linguistics**. Harmondsworth: Penguin Education, 1973.
- FABRÍCIO, B. F. Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem: redefinições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.
- DAVIES, A. **Introduction to Applied Linguistics: from Practice to Theory**. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1999.
- DE GEORGE, R.; DE GEORGE, F. **The Structuralists: From Marx to Lévi-Strauss**. New York: Anchor Books, 1972.
- DURANTI, A.; GOODWIN, C. (Eds.). **Rethinking Context**. Cambridge: CUP, 1992.
- GIDDENS, A.; BECK, U.; LASH, S. **Modernização Reflexiva**. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.
- GUMPERZ, J. Contextualizing and Understanding. In: DURANTI, A.; GOODWIN, C. (Eds.). **Rethinking Context**. Cambridge: CUP, 1992.
- HALL, S. Who needs 'identity'? In: HALL, S.; GAY, P. du. (Eds.). **Questions of Cultural Identity**. Londres: Sage, 1996.
- KLEIMAN, A. Afinal, o que é Linguística Aplicada? **Intercâmbio**, v. 2, 1990. pp. 22-31.
- KUMARAVADIVELU, B. A Linguística Aplicada na era da globalização. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.
- LAVE, J.; WENGER, E. **Situated Learning**. Cambridge: CUP, 1991.
- MAKONI, S.; MEINHOF, U. Linguística Aplicada na África: desconstruindo a noção de língua In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.
- MIGNOLO, W. **Local Histories/Global Designs**. Coloniality, Subaltern Knowledges and Border-Thinking. Princeton: Princeton University Press, 2000.
- MOITA LOPES, L. P. O ensino de línguas estrangeiras: considerações baseadas no modelo gerativo-transformacional. **Revista Legenda**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, 1979, pp. 47-55.

24 Linguística aplicada

- _____. Afinal, o que é Linguística Aplicada? **Intercâmbio**, v. 2, 1990. pp. 13-21.
- _____. Contextos institucionais em Linguística Aplicada: novos rumos. **Intercâmbio**, v. 5, 1996, pp. 3-14.
- _____. **Oficina de Linguística Aplicada**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.
- _____. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.
- MUSHAKOJI, K. Em busca de uma nova aliança anti-hegemônica. In: HELLER, A. et al. (1999). **A Crise dos Paradigmas em Ciências Sociais e os Desafios para o Século XXI**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.
- PENNYCOOK, A. A Linguística Aplicada nos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. (Orgs.). **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.
- _____. Uma Linguística Aplicada Transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.
- RAMPTON, B. Retuning in Applied Linguistics. **International Journal of Applied Linguistics**, vol. 7, n. 1. pp. 3-25, 1997.
- _____. Continuidade e mudança nas visões de sociedade em Linguística Aplicada. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.
- SANTOS, M. **Por uma Outra Globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SANTOS, B. de S. **Renovar la Teoría Crítica y Reinventar la Emancipación Social**. Buenos Aires: Glacso Libros, 2006.
- SEALEY, A.; CARTER, B. **Applied Linguistics as Social Science**. Londres: Continuum, 2004.
- SCOTT, D. **Refashioning Futures. Criticism after Postcoloniality**. Princeton: Princeton University Press, 1999.
- SOUZA-E-SILVA, M. C. P.; KOCH, I. V. **Linguística Aplicada ao Português: Sintaxe**. São Paulo: Cortez, 1983.
- _____. **Linguística Aplicada ao Português: Morfologia**. São Paulo: Cortez, 1983.
- TUCKER, R. Applied Linguistics. Disponível em: <<http://www.lsadc.org/info/ling-fields-applied.cfm>>, acesso em: 1 de novembro de 2007.
- WERTSCH, J. **Voices of the Mind**. Cambridge, Mass : Harvard University Press, 1991.
- WIDDOWSON, H. G. The Partiality and Relevance of Linguistic Description. In: **Explorations in Applied Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 1979a.
- _____. Linguistic Insights and Language Teaching Principles. In: **Explorations in Applied Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 1979b.
- _____. **Learning Purpose and Language Use**. Oxford: Oxford University Press, 1983.
- ZIZEK, S. **O novo eixo da luta de classes**. Caderno Mais! 5/9/2004, Folha de S. Paulo, 2004, pp. 8-11.